

## APRESENTAÇÃO

**Um passado presente: história e memória das direitas na América Latina, séculos  
XX e XXI**Ricardo Mendes<sup>1</sup>Fabrício Ferreira de Medeiros<sup>2</sup>Luis Edmundo de Souza Moraes<sup>3</sup>

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a derrota dos fascismos no campo de batalha ocasionou um refluxo da direita extremista. Por outro lado, no âmbito dos estudos acadêmicos, o desenvolvimento de investigações sobre as direitas centrou atenção principalmente em suas expressões mais autoritárias (ARENDR, 2015; ADORNO *et al.*, 1967; POULANTZAS, 1977), buscando entender o que teria ocasionado o desenvolvimento das experiências italiana e alemã, além daquelas que guardavam situações políticas correlatas, tais como as desenvolvidas na Espanha e em Portugal.

A afirmação das ditaduras militares na América Latina, instauradas a partir de golpes civil-militares, contribuiu com a retomada das direitas como objeto de pesquisa. Agora tendo como objetos principais os casos nacionais desenvolvidos entre os anos de 1960 e 1970 nessa região e sua relação com as experiências de outras partes do mundo. Assim, cientistas políticos e historiadores de diversos países somaram esforços no sentido de compreender as causas das rupturas institucionais na região, as motivações ideológicas de militares, empresários, mulheres, políticos em geral, as referências conservadoras e fascistas apropriadas pelos novos regimes autoritários, além dos elementos de aglutinação das direitas, a exemplo do anticomunismo (COMBLIN, 1979; VALDÉS, 1980; ROUQUIÉ, 1984; HERRERA, 1986).

---

<sup>1</sup> Professor Titular de História da América na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente participa do Grupo de Pesquisa Brasil Republicano, é Investigador Associado do GT da ANPUH e do Grupo de Pesquisa “Direitas, História e Memória” e coordenador do Grupo de Estudos José Luis Romero. Email: rasmric5@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) com bolsa CAPES-PROEX. Atualmente coordena o Grupo de Estudos José Luis Romero. Email: fabricio.f.medeiros@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor Associado de História Contemporânea da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde coordena o Núcleo de Estudos da Política (NUEP-UFRRJ). É Doutor em História pelo Centro de Pesquisas Sobre o Antissemitismo da Universidade Técnica de Berlim (TU BERLIN). Email: luismoraes@ufrj.br.

Mesmo que nas sete décadas iniciais do XX existisse uma direita democrática, desenvolveram-se poucas investigações dentro desse escopo (ROMERO, 1970) e a tônica geral foi a de estudos que privilegiavam o caráter antidemocrático que caracterizou esse polo político (OLIVEIRA, 1994; VERBISTY, 2003; SAAVEDRA, 2006). Mais recentemente, a busca pelas raízes do autoritarismo enquanto fenômeno social e político conduziu muitos historiadores a buscarem na experiência de movimentos e ideologias de extrema direita explicações para o presente, inclusive, pensando nas rupturas e continuidades existentes entre os fascismos históricos e os fascismos contemporâneos (TEIXEIRA DA SILVA; SCHURSTER, 2022), entre fascismo e populismo (FINCHELSTEIN, 2019) ou entre direitas tradicionais e “novas direitas” (BOISARD, 2015).

Influenciadas de forma reativa com o suposto “Fim da História”, por volta dos anos 1990 e princípios do século XXI, as direitas passaram a ser novamente objeto de análise privilegiada (BOBBIO, 2011). Não apenas com foco nas manifestações ocorridas no século XX e com uma tonalidade radical (DEUTSCH, 2005; ZÁRATE, 2008), mas buscando também entender os mecanismos mobilizadores e os discursos, as redes de sociabilidade, sua diversidade e seus variados conteúdos ideológicos (CORREA SUTIL, 2011; BOHOSLAVSKY e BERTONHA, 2016; MENDES, 2003), dentre outros aspectos. Essas abordagens das direitas no tempo presente e no tempo imediato atestam que as estratégias de vários desses segmentos se modificaram.

Para compensar a desvantagem de competir eleitoralmente com partidos de esquerda em países historicamente marcados por altos níveis de desigualdade e pobreza, as direitas partidárias e apartidárias passaram a politizar questões culturais como uma forma de contornar debates sobre políticas redistributivas. Pautas relacionadas à segurança pública, às relações de gênero, ao aborto, à eficiência administrativa, à família, à autonomia local, a minorias étnicas ou culturais ganharam maior espaço na plataforma política das direitas, contribuindo para o seu sucesso eleitoral em vários países, a exemplo de: Argentina, Chile, Brasil, Uruguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador (LUNA; KALTWASSER, 2014; ZANOTTI; ROBERTS, 2021; KESTLER, 2022).

Parte desses temas são tratados nos artigos que compõem este dossiê temático, sendo apresentados a seguir. Esperamos que o leitor possa se familiarizar ainda mais com a discussão sobre as direitas a partir da leitura das contribuições dos autores citados nesta apresentação. Desejamos também que a publicação deste dossiê temático se torne um

incentivo para a ampliação dos estudos sobre as direitas no campo historiográfico, em conexão com as pesquisas mais recentes produzidas na Ciência Política, Sociologia, Antropologia, Filosofia, dentre outras áreas disciplinares. Salvo tais considerações, segue, abaixo, uma breve síntese dos conteúdos de três artigos que compõem o dossiê, acompanhados de outros três artigos livres encaminhados para o mesmo volume da Revista *Dia-Logos*, em conformidade com a ordem cronológica dos temas examinados pelos autores.

Os dez anos que sucederam o término da II Guerra Mundial (1945-1955) foram marcados no Brasil pelo embate entre o que contemporâneos e a historiografia denominaram por populismo e o liberal-conservadorismo. Getúlio Vargas e Carlos Lacerda foram as lideranças políticas representativas dessas duas perspectivas políticas em um momento no qual o comunismo ainda não era compreendido por segmentos da sociedade como uma ameaça a ser combatida. Em relação a esse contexto, o artigo de Caio Cuozzo intitulado “Estandartes, Discos e Manifestos - uma análise sobre o Clube da Lanterna (1953-1956)” busca avaliar alguns aspectos relativos às características, organização e a ideologia do Clube da Lanterna, que teve Carlos Lacerda como figura de proa e referência para a sua própria existência. Apesar de uma existência efêmera, a agremiação apresentou-se como um ator político de relevância desse período no campo das direitas. O autor busca “dar sentido a ação política” desse Clube utilizando-se da análise sobre a trajetória de vida dos indivíduos que compuseram a diretoria do clube, arrolada no inquérito policial desenvolvido pelo Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP). Com essa intenção, analisa registros de nascimento, o grau de escolaridade, a situação financeira, os vínculos religiosos e profissionais desses indivíduos a fim de estabelecer as redes de sociabilidade construídas por esses laços. É a partir desses aspectos que pontua a existência de uma “sintonia discursiva” entre o Clube e Lacerda. E com base no levantamento dos dados indicados acima assinala a existência de um dado perfil de grupo, dentre os dirigentes da agremiação, que teria colaborado decisivamente para isso.

O artigo “Negar o passado para controlar o presente: disputa de narrativas e bolsonarismo” busca relacionar o golpe de 2016 contra a Presidente Dilma Rousseff e a posterior chegada de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018 com a valorização e a exaltação da ditadura militar por parte de Bolsonaro desde o período em que foi instalada a Comissão Nacional da Verdade. Percorrendo processos que indicariam

que o bolsonarismo foi marcado por uma confluência entre o antipetismo e a defesa da ditadura, Ariel Chexes Batista nos sugere que aquilo que é por ele chamado de “negacionismo da ditadura” objetivaria fazer com que se voltasse “ao silêncio sobre o período”. O artigo chega à conclusão de que para enfrentar a história contada por Bolsonaro sobre a ditadura, “a história e os bons usos da memória” precisam ser mobilizados para que este passado jamais seja repetido.

Se debruçando sobre esse mesmo contexto histórico, Caius Costa Amaral analisa o filme *Divino Amor* (2019), dirigido por Gabriel Mascaro, levantando questões importantes relativas à religião evangélica no Brasil. Por meio de revisão bibliográfica, o autor mapeia o crescimento das igrejas pentecostais em nosso país, pontua os canais através dos quais ocorre o engajamento político evangélico, além de expor a relevância de questões morais na plataforma destes atores políticos, a exemplo do aborto e do casamento homoafetivo. Seu trabalho mostra como o fundamentalismo religioso pode se voltar até mesmo contra os evangélicos, provocando perdas, frustrações e julgamentos morais proferidos por membros de sua própria comunidade religiosa.

Na seção de artigos livres, em “O medo do prazer na leitura da história: Um pouco sobre o historiador e a suspeita da boa escrita”, Lina Alegria parte da percepção de que, na história-disciplina, escritos que mobilizam recursos estéticos e fazem com que a leitura seja um ato prazeroso são colocados sob suspeição. Preocupando-se em observar a experiência sensorial que se dá no encontro de uma obra com o leitor e dos efeitos produzidos por ele, seja de prazer ou desprazer, de engajamento ou desengajamento, a autora nos leva por caminhos que permitem historicizar e, assim, desnaturalizar um regime de escrita da história que se relaciona com a separação entre a razão e os sentidos, o corpo e a paixão. Ao observar a emergência de modos de escrita que estabelecem expectativas estéticas quanto ao texto historiográfico, o texto também nos conduz por caminhos que nos apresentam os enquadramentos da sensibilidade que tendem a separar a estética e o fato ou o pensamento, o que representa um “modelo de conhecimento que é historicamente datável” e que correspondem a um projeto de ciência específico.

Eric Rocha apresenta artigo onde analisa a intensidade e profundidade com que aparecem nos livros didáticos de história a revolução de escravos ocorrida no Haiti. O autor procura fazer isso em três tempos. Primeiramente analisa a revolução em si mesma. Em um segundo momento, busca discorrer sobre o papel dos livros didáticos como instrumentos de memória sobre a História de uma nação. Por último, busca articular as

duas etapas anteriores, observando como uma memória específica – a da Revolução -, se apresenta nos livros e essas narrativas se desenvolvem. Sobre a Revolução, de um lado o autor pontua que as injunções internacionais foram importantes para explicarem as suas causas. No cenário extremamente conflituoso de fins do XVIII - marcado pela Revolução Francesa e pela proliferação de diferentes perspectivas do pensamento iluminista – esses acontecimentos potencializaram o ideário revolucionário. Contudo, considera que foi o protagonismo negro o fator decisivo. Caracterizando rapidamente o papel dos livros didáticos “na formatação de determinada consciência histórica”, o autor confere destaque a três processos específicos que se relacionam. Seriam eles: aumento do número de obras e livros com essa formatação, a acentuação do volume de pesquisas sobre o ensino de história e, por último, o desenvolvimento do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Por fim, com base na análise de uma pequena amostragem de livros didáticos, o autor encaminha duas conclusões. A primeira, de que nessas abordagens o protagonismo negro é ofuscado pelas causas externas. Na segunda que, quanto à temática em questão, os livros didáticos colaboram para o silenciamento sobre a Revolução de Escravos no Haiti.

Com essa breve apresentação, desejamos a todos e todas uma ótima leitura e parabenizamos os autores e as autoras pelo trabalho.

### Referências

- ADORNO, Theodor *et al.* *The authoritarian personality*. 3 ed. New York: Science Editions, 1967 [1950].
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. 3 reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1951].
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1994].
- BOHOSLAVSKY, Ernesto & BERTONHA, João Fábio. *Circule por la derecha: percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.
- BOISARD, Stéphane. La nueva derecha chilena y la impronta de los años 1960: ¿ruptura o continuidad? *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Questions du temps présent, mis en ligne le 11 juin 2015.
- COMBLIN, Joseph. *Ideología de segurança nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CORREA SUTIL, Sofía. *Con las riendas del poder: la derecha chilena en el siglo XX*. Santiago de Chile: DeBOLSILLO, 2011 [2005].

DEUTSCH, Sandra McGuee. *Las derechas: la extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile, 1890-1939*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

FINCHELSTEIN, Frederico. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.

HERRERA, Genaro A. *El pensamiento político de los militares*. 6 ed. Santiago: Centro de Investigaciones Socioeconómicas, 1986.

KESTLER, Thomas. Radical, Nativist, Authoritarian - Or All of These? Assessing Recent Cases of Right-Wing Populism in Latin America. *Journal of Politics in Latin America*, Vol. 14(3) 289–310, 2022.

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (orgs.). *The Resilience of the Latin American right*. John Hopkins University Press, Baltimore, 2014.

MENDES, Ricardo A. S. *Visões das Direitas no Brasil*. Niterói, UFF, Tese de Doutorado, 2003.

OLIVEIRA, Eliezer Rizzo. *De Geisel a Collor: forças armadas, transição e democracia*. Rio de Janeiro: Papyrus, 1994.

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo y dictadura: la tercera internacional frente al fascismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores S.A., 1977 [1971].

ROMERO, Jose Luis. *El Pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970.

ROUQUIÉ, Alain. *O Estado Militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1984.

SAAVEDRA, Claudio Fuentes. *La transición de los militares*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; SCHURSTER, Karl. *Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente*. Recife: Cepe, 2022.

VALDÉS, Jorge Alberto Tapia. *El terrorismo de Estado: la doctrina de la seguridad nacional en el Cono Sur*. México (DF): Editorial Nueva Imagen, 1980.]

VERBISTY, Horacio. *Civiles y militares: memoria secreta de la transición*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

ZANOTTI, Lisa; ROBERTS, Kenneth M. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, Montevideo, 30 (1), p. 23-48, 2021.

ZÁRATE, Verónica Valdivia. *Nacionales y Gremialistas: El parto de la nueva derecha política chilena, 1964-1973*. Santiago: Lom, 2008.